



**PAPEL DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA PARA FORMAÇÃO JURÍDICA: VISITA
AO CASTELO ALTO DE XANGÔ**

***THE ROLE OF UNIVERSITY EXTENSION FOR LEGAL EDUCATION: A VISIT TO
THE HIGH CASTLE OF XANGÔ***

***EL PAPEL DE LA EXTENSIÓN UNIVERSITARIA EN LA FORMACIÓN JURÍDICA:
UNA VISITA AL ALTO CASTILLO DE XANGÔ***

Jorge Mendes Gonçalves Bento¹

Miguel Arthur Teixeira Oton²

Tamara de Matos Guerra³

Lorena Gabriela Macedo⁴

Alexandre Garcia Araújo⁵

Resumo: O presente trabalho objetiva apresentar discussão acerca da importância da extensão universitária para a formação dos estudantes de Direito, bem como da imersão destes no universo das religiões de matriz africana, de forma a capacitar os futuros operadores do Direito para o melhor exercício da profissão, despidos de estereótipos e preconceitos relacionados ao Candomblé. A metodologia utilizada foi multimétodos; técnica de coleta de dados: aula de campo, questionário, revisão bibliográfica e entrevista semiestruturada. Como análise de dados, utilizou-se uma abordagem teórica e empírica das vivências. Por suporte teórico, o texto valeu-se de Severino (2017), Costa (2021), Caputo e Passos (2007), Gil (1999), Villani e Nascimento (2003), entre outros. Os resultados revelam que a experiência promoveu uma apreciação do Candomblé e destacou a importância da transmissão oral de conhecimento para a compreensão

¹Especialista em Gestão da Inovação no Setor Público - FAPESB/UESB; Bacharel em Administração de Empresas, pela UESB; Licenciado em Filosofia, pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUC - Campinas; Bacharelado em Direito, pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *Campus XX*, Brumado, Bahia, Brasil; Bolsista no Projeto de Extensão Machado de Xangô Assessoria Jurídica aos Povos de Axé. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3271-0627> E-mail: bentojm@yahoo.com.br

²Bacharelado em Direito, pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *campus XX/Brumado*, Bahia, Brasil. Monitor voluntário do Projeto de Extensão Machado de Xangô Assessoria Jurídica aos Povos de Axé. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6649-4010> E-mail: otonacademico@gmail.com

³Bacharelada em Direito, pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *campus XX/Brumado*. Monitora voluntária do Projeto de Extensão Machado de Xangô Assessoria Jurídica aos Povos de Axé. Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-0534-8064> E-mail: tamaramguerra@gmail.com

⁴Bacharelada em Direito, pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *campus XX/Brumado*. Monitora voluntária do Projeto de Extensão Machado de Xangô Assessoria Jurídica aos Povos de Axé. Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-5677-1368> E-mail: lorenapedro2008@gmail.com

⁵Bacharel em Direito; Doutorando em Memória: Linguagem e Sociedade, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Professor Substituto do Curso de Direito, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *Campus XX*, Brumado, Bahia, Brasil. Coordenador do Projeto de Extensão Machado de Xangô - Assessoria Jurídica aos Povos de Axé. Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-3249-372X> E-mail: xando.adv@gmail.com

dos estudantes, bem como foi basilar para a desconstrução de preconceitos e ampliação do alcance universitário para formação de ponte sólida entre sociedade/universidade com os terreiros inseridos diretamente nesse processo.

Palavras-chave: Candomblé. Extensão. Machado de Xangô. Transmissão Oral de Conhecimento. Universidade.

Abstract: The aim of this paper is to present a discussion on the importance of university extension for the training of law students, as well as their immersion in the world of African religions, in order to enable future law practitioners to better exercise their profession, free of stereotypes and prejudices related to Candomblé. The methodology used was multi-method; data collection technique: field class, questionnaire, bibliographic review and semi-structured interview. A theoretical and empirical approach to the experiences was used to analyze the data. For theoretical support, the text used Severino (2017), Costa (2021), Caputo and Passos (2007), Gil (1999), Villani and Nascimento (2003), among others. The results show that the experience promoted an appreciation of Candomblé and highlighted the importance of the oral transmission of knowledge for students' understanding, as well as being fundamental for deconstructing prejudices and broadening the university's reach to form a solid bridge between society/university and the temples directly involved in this process.

Keywords: *Candomblé. Extension. Machado de Xangô. Oral Transmission of Knowledge. University.*

Resumen: El objetivo de este trabajo es discutir la importancia de los programas de extensión universitaria para la formación de estudiantes de Derecho, así como su inmersión en el mundo de las religiones africanas, con el fin de formar a los futuros profesionales del Derecho para un mejor ejercicio de su profesión, libre de estereotipos y prejuicios relacionados con el Candomblé. La metodología utilizada fue multimétodo; técnica de recolección de datos: clase de campo, cuestionario, revisión bibliográfica y entrevista semiestructurada. Para el análisis de los datos se utilizó un abordaje teórico y empírico de las experiencias. Para el apoyo teórico, el texto utilizado Severino (2017), Costa (2021), Caputo y Passos (2007), Gil (1999), Villani y Nascimento (2003), entre otros. Los resultados muestran que la experiencia promovió la apreciación del Candomblé y destacó la importancia de la transmisión oral del conocimiento para la comprensión de los estudiantes, además de ser instrumental para deconstruir prejuicios y ampliar el alcance de la universidad para formar un puente sólido entre la sociedad/universidad y los templos directamente involucrados en este proceso.

Palabras clave: *Candomblé. Extensión. Machado de Xangô. Transmisión Oral del Conocimiento. Universidad.*



Introdução

A interseção entre o Candomblé e o sistema jurídico brasileiro é um campo de estudo cada vez mais relevante, cuja compreensão é vital para a promoção de uma prática jurídica inclusiva e justa. Este texto busca explorar profundamente essa dinâmica, reconhecendo-a como uma expressão intrínseca à cultura afro-brasileira. A diversidade de crenças religiosas no Brasil ressalta a importância de preparar os estudantes de Direito para atuar em um contexto tão multifacetado.

A pesquisa adotou uma abordagem multimétodos, combinando métodos quantitativos e qualitativos. Utilizou como base um estudo de caso na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *campus* XX/Brumado, intitulado "Machado de Xangô – Assessoria Jurídica aos Povos de Axé". A coleta de dados ocorreu por meio de experiências vivenciadas durante a aula de campo no Centro Cultural do Candomblé Castelo Alto De Xangô, proporcionando *insights* valiosos sobre a interação entre diversidade religiosa e o ambiente jurídico.

Essas premissas são embasadas nos princípios que ressaltam a importância da participação ativa da Universidade, ampliando suas vertentes de ensino, pesquisa e extensão. Além disso, destacam a relevância da transmissão oral de saberes nas religiões de matriz africana, particularmente no contexto do Candomblé. Nesse sentido, este estudo se respalda nas contribuições de autores como Costa (2021), Caputo (2015), Caputo e Passos (2006), Comparato (2006) e Batista (2011).

Além disso, este trabalho não apenas se baseia na observação da visita ao terreiro, mas também emprega uma coleta de dados sistematizada por meio de questionários, conforme preconizado por Gil (1999), complementadas através da influência transformadora da experiência empírica no entendimento e abordagem jurídica dos estudantes, corroborando com as ideias de Villani e Nascimento (2003).

Através das vozes dos estudantes, o artigo examina como a visita ao Castelo Alto de Xangô alterou significativamente suas percepções sobre o Candomblé. A análise qualitativa destaca a importância da transmissão oral de conhecimento na religião e como essa prática reverberou na compreensão dos participantes. Essas descobertas sustentam a ideia de que a universidade desempenha um papel crucial na desconstrução de preconceitos relacionados aos



Terreiros de Candomblé, promovendo uma compreensão mais profunda e uma apreciação genuína das tradições afro-brasileiras.

Ao final, esta pesquisa busca não apenas contribuir para a compreensão acadêmica do Candomblé, mas também oferecer perspectivas práticas para a formação de operadores do Direito mais justos e competentes. Em última análise, esta pesquisa não é apenas uma análise teórica e experimental (no contexto dos relatos dos estudantes), mas também uma chamada à ação para a criação de um ambiente jurídico verdadeiramente inclusivo e respeitoso para todas as expressões religiosas.

O papel da universidade na esfera da pesquisa e da extensão

Da origem do conceito da universidade, deriva-se a expressão “universitas magistrorum et scholarium (comunidade de mestres e estudiosos)”, que perfaz por instituição de ensino superior de várias disciplinas ou ramos de pesquisa, tais sejam literários, técnicos ou científicos, e objetivam a formação de quadros profissionais de nível superior. Além disso, apresenta-se na sociedade com maior autonomia, por poder criar e determinar cursos os quais serão oferecidos. Para mais, as universidades dispõem de estruturas pedagógicas que se alicerçam no ensino, na pesquisa e extensão – esta última, nosso ponto de discussão, que configura como serviço à comunidade, em conformidade Severino ressalta que:

A extensão se torna exigência intrínseca do ensino superior em decorrência dos compromissos do conhecimento e da educação com a sociedade, uma vez que tais processos só se legitimam, inclusive adquirindo sua chancela ética, se expressarem envolvimento com os interesses objetivos da população como um todo. (SEVERINO, 2017, p. 25)

Ressalta-se que, o ensino composto pela produção do conhecimento através das aulas é a base da tríade retromencionada, uma vez que é o lugar onde se cria os pilares da formação do estudante, dessa forma o art. 45 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (BRASIL, 1996), expressa que “a educação superior será ministrada em instituições de ensino superior, públicas e privadas, com variados graus de abrangências ou especialização”.



O exercício da pesquisa na universidade são diversos, no entanto, o principal ocorre mediante a iniciação científica. A iniciação científica se desenvolve por meio de projetos e objetiva fomentar a pesquisa e, como consequência, a extensão. A respeito da pesquisa Severino evidencia:

Na Universidade, ensino, pesquisa e extensão efetivamente se articulam, mas a partir da pesquisa, ou seja, só se aprende, só se ensina, pesquisando; só se presta serviços à comunidade, se tais serviços nasceram da pesquisa. O professor precisa da prática da pesquisa, para ensinar eficazmente; o aluno precisa dela, para aprender eficaz e significativamente; a comunidade precisa da pesquisa, para poder dispor de produtos do conhecimento; e a Universidade precisa da pesquisa, para ser mediadora da educação. (SEVERINO, 2017, p. 63)

Destarte, a extensão na Universidade carrega destaque em visar pelo processo da transmissão do conhecimento para a sociedade. Ademais, fomenta para a formação dos alunos, uma vez que o papel dentro da universidade é de os discentes absorverem o ensino teórico. Nesse cenário, por intermédio da extensão, é desempenhada a forma prática deste ensino adquirido. É o que se evidencia enquanto objetivo da Universidade no inciso VII do art. 43 da Lei nº 9.394/96 (BRASIL, 1996): “VII - promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição”.

Para mais, com o desenvolvimento do ensino, pesquisa e extensão na universidade, o discente desenvolve para além dos muros das estruturas universitárias, visto que progride do conhecimento teórico para um conhecimento exercitado que amplia os horizontes estudantis engessados, dando um novo norteamento de visão crítico-social, assim como o significativo desempenho e propensão para novas capacidades. Pois, o discente que observa também portará e proporcionará novas searas de ensinamentos e entendimentos acadêmicos baseados em pesquisas e/ou práticas extensionistas. Nesse sentido, Santos, Rocha e Passaglio (2016, p. 3), evidenciam que o “estímulo à reflexão entre teoria e prática, conhecimento do campo profissional, desenvolvimento de uma postura ética e crítica, troca *versus* transmissão do conhecimento”. Nesse cenário, o papel da academia engloba a inter-relação entre sociedade/instituição. Durham (1989) trata da “relativa independência da universidade”, a qual torna nítida a garantia do ensino, da pesquisa e da extensão dentro desta. Trata-se, pois, do tripé fundamental para o desenvolvimento acadêmico e social. Portanto, fazem parte dos pilares essenciais para a

260



formação do estudante e são mecanismos que oportunizam o preparo intelectual e fundamental na carreira acadêmica, visto que auxiliam o esculpir para a vida profissional.

A transmissão oral de conhecimento nas religiões de matriz africana

A formação de conhecimento a partir da proposta extensionista, que transita entre a formação passiva para a formação ativa de conhecimento, como afirmam Santos, Rocha e Passaglio (2016), reverbera de forma paradoxal e promove ruptura paradigmática aos extensionistas. E isto se dá, porque, imersos num processo ensino-aprendizado ancorado pelo método científico, se deparam com a realidade. Em outras palavras, o investigar cientificamente, com metodologia desenvolvida em torno das práticas de leituras e debates, e principalmente, aprofundamento conceitual conduz o extensionista à experiência de repensar sua perspectiva sobre o objeto de estudo experimentado na extensão.

Assim, ao adentrar no universo dos Terreiros, o estudante se depara com o processo de formação de conhecimento ancorado no conhecimento religioso que se perpetua pela transmissão oral. Não há livros sagrados, não há um magistério ou uma norma posta, a exemplo do decálogo judaico-cristão, ou da Bíblia, do Alcorão e da Torá. Não há um direito canônico, que vai regular a vida do fiel, pois na perspectiva das religiões de matriz africana, tudo é um processo de vivência que se dá costumeiramente.

A transmissão oral sempre foi e ainda é a base da propagação da fé e da cultura efervescente das religiões de matrizes africanas, e segundo Batista e Oliveira (2011), a manutenção da oralidade demarca fronteira social de pertencimento e identidade das comunidades religiosas afro-brasileiras. Para os autores, a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade individual ou coletiva. Enquanto a socialização das memórias, a projeção ou identificação com o passado configura a herança da “família de santo”.

Tal herança transforma o aprendizado em sentimento de pertencimento. Como asseveram Caputo e Passos (2007, p. 95), “A oralidade não é apenas a fala do povo-de-santo, é antes, sua estrutura, sua constituição”. As autoras, ao citar Mãe Beata, enfatizam a transmissão oral como prática primordial da formação do conhecimento na comunidade citando: “É na vida em comunidade que se aprende o candomblé, sejam crianças, jovens ou adultos. É preciso ter



vivência. Isso o livro não ensina, nem eu ensino nos livros” (Caputo e Passos (2007, p. 95). Em outras palavras, trata-se de uma cultura não didática, mas uma cultura de imitação.

Para Jardim (2016), a oralidade é marcada desde as narrações dos contos míticos dos orixás, até pelos pontos, ou cantigas fazem a louvação ao orixá e pela prevalência do *yorubá* como língua ritualística. Então, são histórias de vidas gloriosas e ricas em ensinamentos, que tem no cotidiano seu processo de enriquecimento, processo de aprendizagem que não criminaliza o erro, mas o tem como parte do aprender.

Ainda, Caputo e Passos (2007), assinalam que o ensinamento, por vezes, pode ser tarefa de crianças, adolescentes e jovens, ou adultos e idosos. Independe, nas religiões de matriz africana, da idade cronológica, mas da idade de vivência da religião, do segredo que o sagrado proporciona. Essa é uma característica que marca profundo distanciamento da cultura judaico-cristã e de outras culturas que têm no patriarcado seus fundamentos estabelecidos. A “antiguidade iniciática” é, para o Candomblé, superior a idade cronológica. É pela vivência cotidiana nos terreiros, que se percebe essa diferença marcante, exemplificada no que chamam “tomar a bença”.

Não obstante, diferente do ensino oficial institucional público, o conhecimento é passado de um ser a outro nas religiões de matriz africana, segundo Costa (2021), sem, contudo, dispor de explicação e um raciocínio lógico e consciente, mas sim vivencial. A autora fala de um “complexo código de símbolos em que a relação dinâmica constitui o mecanismo mais importante. A transmissão efetua-se através de gestos e palavras proferidas” (COSTA, 2021, p. 14). Segundo a autora, a memória é o recurso que as comunidades orais utilizam para reter e transmitir as representações que desejam repassar, “a palavra adquire poder de ação, porque está impregnada de axé” (COSTA, 2021, p. 14).

Para Pinheiro (2017, p. 80), os símbolos e os gestos representam a “única forma de manter a memória ancestral”. Assim, o entorno e a coletividade importam muito no processo de tomada de consciência e contribuem para a absorção de conhecimento. “A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é um fator extremamente importante do sentimento de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução” (BATISTA, 2011, p. 7).

Para a Costa (2021), a transmissão oral de conhecimento é uma forma subalterna e inferior na lógica de produção e transmissão de conhecimento, que é, por vezes, invisibilizada



nas universidades por um processo histórico de validação de uma única forma de conhecimento. E de modo similar, o autor faz um paralelo subentendido entre os diferentes tipos de conhecimento, enquanto afirma que a sobreposição do conhecimento científico aos demais tipos de conhecimento, como o filosófico, o teológico/religioso, é um “um processo histórico de extermínio físico e da violência predatória, que se faz sempre acompanhar da validação de uma forma única de conhecimento, em detrimento de quaisquer outros saberes” (COSTA, 2021, p.15).

Ocorre que a diversidade de conhecimentos, saberes e vivências torna mais rica a sociedade humana. Porém, a mesma humanidade é incapaz de viver e conviver com o que lhe é desconhecido e estranho. Por isso, há o estranhamento para com as culturas de matriz africana, que tem seu conhecimento fundado na cultura da vivência, da oralidade, e mais especificamente pela transmissão vivenciada e oral do conhecimento.

Frisa-se aqui a transmissão vivencial do conhecimento, porque é no convívio cotidiano que o conhecimento é transmitido. É no ensinar fazendo que se transmite, aprende e consolida o conhecimento na cultura afro-religiosa, conforme Santos (2012), atinge os planos mais profundos da personalidade. Isto porque a transmissão é efetuada pelo gestual, palavras, movimentos, cantos e pontos. Nesse sentido, Pinheiro (2017, p. 82) entende que “assim, a relação com o corpo, para as sociedades africanas e afrodescendentes da diáspora, faz parte dessa ampla variedade de expressão do conhecimento e do pensamento dessas populações, permeadas pela tradição oral”.

Batista (2011) enfatiza que a coleta de representações por meio da história oral é uma oportunidade para novos campos de pesquisa. Não obstante, não deixa de ser um desbravar para uma nova perspectiva: perceber a memória e a oralidade como campo de construção de conhecimento tão válido e rico como o conhecimento científico que, não raras vezes, são desenvolvidos tomando por base o questionar da validade das práticas experienciais da sabedoria popular.

O Candomblé, religião de matriz africana, foi criado e é recriado até a atualidade pela transmissão de suas tradições e ritos pela oralidade. A tradição oral nas comunidades de terreiro é um dos elementos demarcadores da construção da sua identidade. Os terreiros de Candomblé desenvolvem uma organização interna a partir do aprendizado hierarquicamente transmitido



pelos mais antigos, considerados os mais sábios e detentores dos segredos (BATISTA, 2011, p.8).

O conhecimento decorrente da tradição oral afro-brasileira, de acordo com Pinheiro (2017), traz importante contributo para o enriquecimento historiográfico ao apontar para novas perspectivas epistemológicas. Lembra ainda que a oralidade é um contraponto à “hegemonia da cultura material e escrita, além de conceitos ligados à cultura, de base eurocêntrica, ainda predominantes na sociedade brasileira” (PINHEIRO, 2017, p. 79).

Aula de campo no Centro Cultural do Candomblé Castelo Alto de Xangô

A imersão no contexto da diversidade de crenças religiosas presentes no Brasil é fundamental para a formação de operadores do direito justos e competentes, que estejam preparados para enfrentar a complexidade dessa diversidade, buscando sempre a justiça que demonstra respeito e compreensão pelas especificidades de cada comunidade (COMPARATO, 2006).

Não obstante, frisa-se aqui a relevância de promover atividades de extensão ao longo da graduação do estudante. Isso o familiariza com uma gama de experiências culturais, religiosas e jurídicas dentro do ambiente universitário, contribuindo para sua formação integral e enriquecendo sua compreensão do mundo ao seu redor.

Diante disso, o projeto de extensão “Machado de Xangô – Assessoria Jurídica aos Povos de Axé”, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *campus XX*, em Brumado, na Bahia, tem como objetivo prestar assessoria jurídica para os Povos de Terreiro da região. O projeto ultrapassou os limites da sala de aula, conferindo aos estudantes, e futuros profissionais, do 6º semestre do curso de Direito, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), do *campus* de Brumado-BA, uma perspectiva singular das intrínsecas interações entre a diversidade religiosa, a universidade pública em sua função extensionista, e de pesquisa. Trata-se da verdadeira inserção dos estudantes no meio social no qual eles serão envolvidos, e isso se deu através da aula de campo no Centro Cultural do Candomblé Castelo Alto De Xangô, localizado também em Brumado, representado pelo Babalorixá (o nome que se dá para o Pai de Santo, sacerdote responsável pelo espaço religioso).



Naquela ocasião, o Babalorixá proporcionou uma experiência enriquecedora, ao guiar os discentes por todas as dependências da Instituição. Durante o percurso, foram apresentados os assentamentos dos Orixás em forma terrena, além de detalhes e características distintas de cada um. Essa imersão permitiu aos visitantes perceber a profunda riqueza cultural enraizada no Terreiro, que está situado em uma vasta área de preservação e é adornado por esculturas, que complementam a atmosfera sagrada do local.

Xangô, o Orixá que rege o Castelo Alto de Xangô com poder e justiça, foi especialmente enfatizado pelo Babalorixá. Sua energia imponente e equilibrada, foi palpável em cada canto do local, observado nos monumentos como tronos, machados, estatuetas de leões (que representam a justiça), e a própria estrutura em Castelo – do Rei Xangô. Além do contato com as representações físicas dos Orixás, os estudantes tiveram a oportunidade de interagir com alguns dos membros do Terreiro. Foram estabelecidos diálogos sobre a vivência comunitária e compartilhadas experiências sobre os desafios enfrentados ao reafirmar a prática da religião de matriz africana fora dos limites do Ilê.

Ao término da visita, um *ajeum* (momento de partilha da vida e das experiências cotidianas de grande valor para a cultura das religiões de matriz africana) foi servido aos estudantes, a fim de proporcionar não apenas nutrição física, mas também alimentar o espírito e a alma dos presentes. Por fim, palavras de apoio e incentivo fluíram tanto dos discentes quanto do Babalorixá, criando um ambiente de união e fortalecimento mútuo entre todos os participantes. Foi uma ocasião que não apenas promoveu a compreensão e respeito pela cultura e religião afro-brasileira, mas também estabeleceu laços de colaboração e solidariedade entre a comunidade acadêmica e a comunidade do Terreiro.

Metodologia

Como forma de compartilhamento dos pensamentos obtidos acerca do Candomblé durante a visita, foi utilizado como instrumento de coleta de dados o *google forms*, através de um questionário de 8 perguntas, sendo 6 delas objetivas e 3 subjetivas para os estudantes que se interessaram em dialogar, de forma anônima, com o projeto sobre a vivência.

O questionário, segundo Gil (1999, p. 128), é definido como “a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevada de questões apresentadas por escrito às



peças”, que tem por objetivo captar sentimentos, interesses, expectativas, crenças dos interlocutores. Além disso, como parte do processo de pesquisa, foi realizada entrevista semiestruturada com o Babalorixá, na qual foram feitas 7 perguntas subjetivas, as quais serão discutidas posteriormente.

Dos 16 presentes que escolheram participar da aula de campo, 7 aceitaram relatar suas experiências. Não obstante, é pertinente que as observações acerca da visita se deem para os dois lados, ou seja, tanto para os discentes quanto para o anfitrião do Castelo Alto de Xangô.

O método de análise dos dados se deu pela abordagem multimétodos, abarcando tanto o aspecto quantitativo quanto qualitativo de pesquisa. Para Minayo (2000), o método em estudo de caso implica na utilização de múltiplas fontes de informações com o objetivo de criar condições necessárias para apreender as evidências importantes na consolidação do conhecimento construído na pesquisa.

O desdobramento das informações foi elaborado com o intuito de destacar os ocorridos durante a visita e a percepção pessoal dos estudantes e do Babalorixá quanto às relações sociedade e religião. Além disso, ao considerar a experiência no Castelo Alto de Xangô, queremos também explorar como a vivência influencia a abordagem jurídica dos estudantes, futuros juristas, em casos relacionados à liberdade religiosa e às práticas culturais afro-brasileiras. Portanto, trata-se de um olhar empírico sobre a pesquisa, abarcados pelo o que foi discutido nos tópicos anteriores. Nesse aspecto, Villani e Nascimento (2003) dizem que a influência da experiência empírica impacta na aprendizagem dos estudantes e contribui diretamente no alargamento da perspectiva de mundo através da experiência comparada ao cotidiano.

É importante ressaltar que essa pesquisa busca não apenas compreender, mas também demonstrar o impacto significativo da transmissão oral de conhecimento no Candomblé, um aspecto crucial na manutenção e preservação das tradições religiosas afro-brasileiras, bem como as ressonâncias dessa aproximação com uma cultura diversa no trato jurídico por parte dos futuros operadores do Direito.

Ademais, a universidade desempenha um papel fundamental em promover a diversidade e em preparar os futuros profissionais do direito para lidar com a pluralidade de culturas e religiões presentes no Brasil. Assim, este estudo visa também evidenciar como as instituições



de ensino superior contribuem para a construção de uma sociedade mais inclusiva e respeitosa em relação a todas as expressões religiosas.

Resultados e discussão

O candomblé é um complexo de significados históricos, recontextualizados para criar formas simbólicas únicas que, através delas, os adeptos transmitem e desenvolvem conhecimento e perspectivas sobre a vida (FERRAZ; SOUZA; OLIVEIRA, 2016, p. 3). Essa perspectiva pode estender-se para além dos limites do Ilê, resultando em impactos positivos que afetam a comunidade, principalmente no que concerne à sua visão sobre o Candomblé, no sentido de desconstruir o preconceito religioso.

Isto posto, não é a primeira vez em que a Universidade (como um todo) contata o Castelo Alto de Xangô, como pontua o Pai de Santo: “já foram realizadas pesquisas acadêmicas, cujo campo foi o Castelo Alto de Xangô, a saber, pesquisa de Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade, na UESB, bem como pesquisa de TCC de graduação em Direito, na própria UNEB”. Neste momento, ocorreu a participação de estudantes de Direito, “meio-advogados”, proporcionando um intercâmbio de vivências entre o Terreiro e a comunidade acadêmica, a qual desbravaremos os resultados obtidos das experiências a partir de agora.

De início, o Machado de Xangô buscou conhecer a orientação religiosa dos participantes. Os resultados mostraram que 42,9% se identificaram como católicos, 28,6% não possuíam filiação religiosa específica, enquanto outros 28,6% faziam parte das religiões de matriz africana, como Umbanda, Candomblé e outras religiões de matriz africana.

Em seguida, foi investigado o nível de conhecimento prévio dos estudantes sobre o Candomblé. Apenas 28,6% demonstraram um conhecimento intermediário, enquanto 71,4% tinham uma compreensão superficial (rasa) da religião. Nota-se que, ao analisar os dados em conjunto, há uma correspondência entre os adeptos das religiões de matriz africana e um nível de conhecimento intermediário sobre o Candomblé. Esta correlação sugere que, assim como Márcio Goldman (2005) aponta em sua obra “Formas do saber e modos do ser: observações sobre a multiplicidade e ontologia no Candomblé”, o aprendizado no Candomblé não é um processo linear e imediato, mas sim uma construção gradual e paciente de saberes ao longo do tempo, o que corrobora com a transmissão de conhecimento oral.



Sublinha-se a necessidade de reunir esses detalhes adquiridos ao longo do tempo, na expectativa de que, em algum momento, se consolidem em um conjunto de conhecimentos capaz de ser aplicado de forma significativa. Isto se aplica, por sua vez, tanto àqueles que tem o interesse em aprender mais sobre a religião sem vincular-se enquanto praticante e aos recém-iniciados.

Aquele que deseja aprender alguma coisa no candomblé sabe muito bem, e desde o início, que é inútil esperar ensinamentos prontos e acabados de algum mestre, e que deve tratar de ir reunindo pacientemente, ao longo dos anos, os detalhes que recolhe aqui e ali, com a esperança de que, em algum momento, esse conjunto de saberes adquira uma densidade suficiente para que com ele se possa fazer alguma coisa. (GOLDMAN, 2005, p. 109).

Dito isso, durante a aula de campo, houve a oportunidade de receber a transmissão oral de conhecimento sobre a cultura e práticas do Candomblé diretamente do Babalorixá do Castelo Alto de Xangô. Para o Sacerdote: “a tradição oral é a marca do candomblé, aprendemos através do conhecimento dos mais velhos, que são repassados através da oralidade. Sendo assim, esse método de ensino é potente, decolonial, valoriza outras formas do saber”.

Por esse motivo, foi pertinente perguntar aos estudantes como essa experiência foi percebida por eles e como ela influenciou a sua compreensão acerca da religião. Conforme argumentado por Caputo (2015, p. 784) “os conhecimentos pacientemente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos, é a base essencial para qualquer tentativa de compreender a história e o espírito dos povos africanos”.

Os resultados revelaram que 28,6% dos participantes consideraram a aula de campo enriquecedora e esclarecedora. Outros 28,6% perceberam que a visita contribuiu significativamente para a compreensão das práticas religiosas e culturais, enquanto mais 28,6% a acharam interessante, embora algumas informações fossem um pouco desafiadoras de entender. Para o Babalorixá, a experiência foi um caminho para o Candomblé ganhar espaço no âmbito do conhecimento: “o fato dos discentes e docente demonstrarem interesse nas questões envolvendo religiosidade afro-brasileira. Para nós do Terreiro, esse aspecto é muito importante, por ver nossa religiosidade ganhando espaços do saber”.

Adicionalmente, uma estudante compartilhou sua experiência como adepto do Candomblé, ressaltando como a aula de campo no Castelo Alto de Xangô foi um ponto significativo em sua jornada religiosa. Ele⁶ enfatizou especialmente a importância da transmissão oral do conhecimento adquirido.

⁶Utilizamos nomes fictícios para preservar o anonimato da pesquisa do projeto de extensão.



Apesar de ser da religião, muito raramente consigo participar das festividades por trabalhar a noite. Parte do conhecimento dito pelo babalorixá, eu sabia de forma mais rasa por ouvir dos meus mais velhos e com a complementação do que foi dito no encontro consegui ter mais certeza da minha fé. Diria que contribuiu significativamente para minha permanência dentro da própria religião, a explicação das práticas religiosas foi pra mim muito mais do que apenas entender, mas também criar sentido para continuar seguindo este caminho (JOANA, estudante do Curso de Direito).

Em sequência, o Machado de Xangô desbravou acerca dos aspectos mais impactantes da visita em relação à compreensão das práticas religiosas e culturais do terreiro para os discentes, abrindo espaço para que esses expusessem de forma textual os seus pensamentos. Silva e Santos (2021, p. 298) destacam que no Candomblé "o sagrado é concebido em uma relação direta com a natureza e somente a partir do Axé, que é a energia que movimenta a tudo e a todos, é que os rituais podem ser desenvolvidos". Essa perspectiva é compartilhada por um dos alunos, que, mesmo não praticante da religião, pôde perceber durante a visita ao Castelo Alto de Xangô uma nova compreensão da interligação entre a natureza e a cultura. Para ele, essa ligação é de grande importância tanto para a preservação quanto para o uso desse mecanismo como forma de cura e crença nas divindades representadas:

Muito embora não seja minha religião de prática, a visita ao Castelo Alto de Xangô, me trouxe uma outra visão do que sempre enxergava do lado de fora. Consegui compreender o elo entre a natureza e a cultura, sobre sua importância quanto a preservação e o uso desse mecanismo como cura e crença através das divindades representadas. (MARCOS, estudante do Curso de Direito)

É nesse sentido que o espaço universitário, em sua função extensionista e de pesquisa, realça seu valor como um ambiente propício não apenas para a disseminação de conhecimento acadêmico, mas também para a promoção da diversidade cultural e o respeito à pluralidade de crenças e práticas religiosas. Nas palavras do Babalorixá: “[...] me chamou atenção o fato dos discentes e docente demonstrarem interesse nas questões envolvendo religiosidade afro-brasileira. Para nós do Terreiro, esse aspecto é muito importante, por ver nossa religiosidade ganhando espaços do saber”.

Ao demonstrar interesse e acolhimento em relação às questões envolvendo a religiosidade afro-brasileira, a universidade se torna um agente ativo na construção de uma sociedade mais inclusiva e justa. E, ao abranger aqueles que não são diretamente ligados à



religião afro-brasileira, possibilita uma troca de conhecimento enriquecedora para todos os envolvidos. É o que diz um dos discentes:

Foi incrível. Apesar de ser “de fora” da religião, eu me senti muito acolhido. Acredito que conhecer um terreiro de candomblé é encontrar o Brasil e defrontar-se com diferentes facetas da brasilidade, desde as imagens sacras presentes nos terreiros, as práticas religiosas populares construídas ao longo dos últimos séculos e o transe de religiosos com características de populações do cotidiano brasileiro (indígenas e pretos-velhos, por exemplo) que atendem ao público. (MARCELO, estudante do Curso de Direito)

Ao término da aula de campo, ocorreu um momento marcante quando o Babalorixá guiou os estudantes até a sala conhecida como "Sala das 21 Rainhas". Este espaço não apenas emanava riquezas culturais e espirituais (como tambores, estatuetas, tapetes de pele e símbolos representando os Orixás), mas também continha uma coleção de objetos que transcendiam a esfera religiosa, incluindo lustres, mesas e cadeiras luxuosas, além de taças e talheres de excepcional elegância. Isso desafiou diretamente a visão arraigada na sociedade de que um terreiro é automaticamente associado à escassez, à falta de recursos e à pobreza em si, conforme enfatizado pelo Babalorixá durante a aula de campo. É o que reverbera uma dos discentes, enquanto *Abyan* de Candomblé, ou seja, aquele que é iniciante em busca de uma nova jornada espiritual, observando e participando das práticas sem um compromisso religioso profundo durante esse período crucial de aprendizado e adaptação (Silva *et al.*, 2016):

Perceber que o terreiro também é um lugar de muitas riquezas em outro e prata. Pra mim foi algo novo ir em uma casa em que existe uma sala com toda a prataria do mais alto luxo. Eu não conseguia associar a ideia do Terreiro com a ideia de riqueza por ver o Terreiro numa visão franciscana, de que o Babalorixá abriria mão de muita riqueza para que pudesse dar o pouco que tinha aos seus filhos/as ou a quem precisasse, algo como "pobreza" ser um valor no terreiro tal como é para são Francisco. Reconheço que apesar de ser *Abyan*, por vezes me vejo tendo uma visão euro centrada e cristã sobre o Terreiro por ter sido criada nessa cultura e só está tendo acesso ao que é a vivência de um terreiro nos últimos 2 anos. (JOANA, estudante do Curso de Direito).

Certos de que a visita ao Castelo Alto de Xangô proporcionou momentos enriquecedores, a pesquisa se concentrou em compreender os pensamentos dos estudantes após essa experiência única. Para 85,7% dos estudantes, essa experiência pode influenciar sua



atitude em relação a casos jurídicos envolvendo liberdade religiosa e diversidade cultural, ao passo que 100% concordaram que experiências como essa pode ajudar a reduzir estereótipos e preconceitos em relação ao Candomblé e as demais religiões de matriz africana. Assim, os estudantes expressaram como a visita alterou a percepção individual de cada um sobre o Candomblé. Essas são algumas das explicações:

Pude perceber coisas delicadas e profundas sobre mim e na minha relação com o mundo que eu vivia. As pessoas, o ambiente. Tudo passou a ser analisado ainda mais cuidadosamente. Tudo gerava uma grande reflexão. Percebi também a incrível semelhança que há entre os ritos sagrados. Conheci a verdade sobre o Candomblé e vi que não tem nada de “coisa ruim”. (MARCELO, estudante do Curso de Direito)

Apesar de não conhecer basicamente nada antes da visita, ter participado do encontro me fez enxergar um pouco além do esperado acerca do candomblé e a maneira como é praticado, pois sempre tive curiosidade sobre como funciona a religião e não imaginava a grandiosidade que ela representa. Então de modo geral a visita mudou sim a minha concepção acerca dela. (MARTA, estudante do Curso de Direito)

[...] despertou mais ainda o respeito e através do conhecimento adquirido, quanto a realidade em que os praticantes vivem, é possível compreender o quanto os direitos são violados e a intolerância religiosa se faz presente rotineiramente. (GEOVANA, estudante do Curso de Direito)

Inicialmente, como estudantes de Direito e, posteriormente, como juristas, fica evidente a relevância de incorporar o entendimento sobre o Candomblé à sua formação acadêmica. Compreender as nuances desta religião e suas práticas não apenas enriquece o repertório cultural, mas também se torna imperativo no contexto legal, especialmente ao considerar a proteção e a promoção da liberdade religiosa, um dos pilares fundamentais de uma sociedade democrática brasileira, já que é possível se deparar com situações ou casos que envolvam as complexidades inerentes à religião. Nesse sentido, é importante saber dos estudantes que responderam ao questionário quais medidas eles acreditam que profissionais do Direito poderiam tomar para garantir o respeito pela liberdade religiosa das comunidades de matriz africana:

Dentre todos os questionamentos, a que me fez quebrar a cabeça de certo modo foi esta. Mas acredito que uma dentre as medidas exercitar o exercício da laicidade de fato seria um grande passo, pois apesar da religião ser considerado para muitos um tema delicado a ser tratado acredito que esse seja



um dos grandes desafios que as religiões de matriz africana enfrentam atualmente. Tal percepção se dá diante da atitude de alguns profissionais que colocam suas crenças a frente do direito daquele que busca por sua ajuda. Assim, agir de maneira imparcial em casos que envolvam dogmas religiosos diferentes do meu, por exemplo, seria um grande passo, pois permitiria ao profissional enxergar melhor a dificuldade enfrentada por essa comunidade e atuar de forma ainda mais justa [...]. (JOÃO, estudante do Curso de Direito)

A perspectiva do projeto já é bem interessante no sentido de prestar assessoria jurídica aos povos de religião de matrizes africanas. Ademais, é viável fazer a junção e ingresso dos povos de terreiros na universidade, e a universidade dentro dos terreiros. (FERNANDA, estudante do Curso de Direito)

Discutir a temática de forma que a população perceba e desconstrua mitos e tabus. Bem como também apresentar os direitos e como certos discursos podem culminar na violação destes direitos fundamentais. (GEOVANA, estudante do Curso de Direito)

No mesmo contexto, surgiu a indagação sobre como a universidade poderia aprimorar a integração de diversas experiências culturais e religiosas na formação jurídica. Os resultados apontam que 85,7% dos alunos defendem a ampliação do currículo com disciplinas eletivas que abordem as questões de diversidade cultural e religiosa no âmbito jurídico. Além disso, propõem a inclusão de estudos de caso que englobem situações com dimensões religiosas e culturais nos cursos de direito, e estabelecer diretrizes claras para prevenir estereótipos e preconceitos nos materiais e métodos de ensino.

Para 71,4% dos participantes, é crucial desenvolver parcerias com comunidades religiosas e culturais, a fim de facilitar visitas educacionais e interações diretas. Além disso, propõem incorporar discussões regulares sobre diversidade e inclusão nas atividades acadêmicas. Entre os 7 estudantes, 3 ainda enfatizaram a necessidade de a universidade oferecer bolsas de estudo para aqueles interessados em realizar pesquisas sobre liberdade religiosa e direitos culturais. Além do “desenvolvimento de encontros jurídicos voltados para a instrução dos povos de matriz africana, discutindo e refletindo sobre normas que os atingem”, como sugere o estudante Marcos.

É nesse seguimento que o Babalorixá traz a importância do envolvimento da Universidade como uma ação decolonial:

Receber alunos do curso de Direito no Terreiro é uma transgressão em vários aspectos, por evidenciar transformações em relação às práticas jurídicas diante

272



dos casos de racismo religioso. Trazer a academia para as comunidades tradicionais é um passo positivo para descolonizar o saber e isso certamente contribui para a formação dos futuros operadores do Direito de modo realmente justa, com olhar para as diferenças. (BABALORIXÁ)

No contexto do município de Brumado-BA, a estudante Marta argumenta que a Universidade precisa expandir seus horizontes além de seu ambiente imediato, argumenta ainda que a experiência vivenciada na aula de campo, através da Universidade, também deve ser oferecida nos níveis de ensino médio e fundamental. Isso porque, de acordo com ela, se essa iniciativa se limitar apenas à graduação, a informação e o debate não alcançarão todos os habitantes do município, contudo, este é um passo inicial e promissor para todos.

Por outro lado, essa perspectiva de trazer os estudantes para dentro do Terreiro beneficia diretamente os Terreiros de Candomblé, de forma geral, como pontua o Babalorixá:

O Terreiro se beneficia diretamente, considerando o já mencionado movimento de trazer a academia para os Terreiros. Sofremos historicamente, e trata-se de demandas que permanecem nos dias atuais. Portanto, esse diálogo produz olhares outros que podem contribuir para o combate ao racismo religioso. Desse modo, pontuamos que há somente aspectos positivos nessa união entre academia e Terreiro. (BABALORIXÁ)

Nesse sentido, é inegável o papel crucial que a Universidade desempenha na desconstrução dos preconceitos relacionados aos Terreiros de Candomblé. Por meio da pesquisa e da extensão, podemos criar uma ponte sólida entre o conhecimento acadêmico e a comunidade, proporcionando uma compreensão mais profunda e uma apreciação genuína das tradições afro-brasileiras.

Conclusão

Evidenciar o papel da universidade pública para além do ensino é poder percebê-la como importante equipamento indutor de construção e disseminação de conhecimento. Mais que isso, a Universidade pública tem o papel de desconstrução dos muros que separam os conhecimentos científicos dos saberes. Na experiência da visita ao Centro Cultural Alto Castelo de Xangô, os discentes participaram de verdadeira imersão na cultura do Candomblé, que é uma religião

273



vivencial e cuja transmissão do conhecimento é manifestada pela oralidade. Desse modo, nesta experiência vivencial da visita ao Castelo, os estudantes da UNEB puderam experimentar por algumas horas a dinâmica de vida em comunidade de Candomblé, aprender com o Babalorixá e toda a comunidade religiosa, os costumes, tradições e informações necessárias para a vivência da fé.

É lógico que uma cultura tão vasta e rica não pode ser toda ela transmitida em poucas horas de vista. Mas a riqueza das explanações, os detalhes e toda mística preparada, culminaram em ruptura de paradigmas, como por exemplo, a ideia de que Terreiro é local de pobreza e desorganização, como exclama a estudante Joana “Perceber que o Terreiro também é um lugar de muitas riquezas em ouro e prata. Pra mim foi algo novo ir em uma casa em que existe uma sala com toda a prataria do mais alto luxo”.

Como frisado pelos discentes que responderam aos questionários, na sua maioria católicos e desconhecedores acerca do Candomblé, puderam aprender, desconstruir estereótipos e preconceitos decorrentes do estranhamento social para com o Candomblé. Afirmação esta sedimentada na resposta do estudante Marcos que diz: “Muito embora não seja minha religião de prática, a visita ao Castelo Alto de Xangô, me trouxe uma outra visão do que sempre enxergava do lado de fora.”. Ou ainda corroborado pelo estudante Marcelo: “Apesar de ser “de fora” da religião, eu me senti muito acolhido. Acredito que conhecer um terreiro de candomblé é encontrar o Brasil e defrontar-se com diferentes facetas da brasilidade,”.

A Visita ao Alto Castelo de Xangô implicou ainda, na desconstrução de preconceitos e alargamento da visão de mundo. Experiência que resultou no ressignificar de muitas concepções errôneas e ou criminosas que, inúmeras vezes, resultaram em criminalização da religião e na exclusão social de seus adeptos dos ambientes de convívio e ou até mesmo limitações ao desenvolvimento profissional.

Outrossim, a estudante Geovana relata como a visita implicou em mudanças de sua visão sobre o Candomblé: “Despertou mais ainda o respeito e através do conhecimento adquirido, quanto a realidade em que os praticantes vivem, é possível compreender o quanto os direitos são violados e a intolerância religiosa se faz presente rotineiramente.”

Cabe reafirmar o papel da extensão universitária na aproximação entre estudantes e a comunidade, de forma ser ela a promotora da reflexão entre teoria e prática, bem como do desenvolvimento de posturas críticas, éticas decorrentes das trocas de conhecimento. A



experiência de vivenciar, ainda que por uma fração do dia, o caminho de transmissão oral de conhecimento, meio pelo qual *abyans* dão seus primeiros passos nos Terreiros, e poder provar do *ajeum*, e ali compreender que não se tratara apenas de uma refeição, mas de significativo momento de troca de experiências e ensinamentos entre os “mais velhos e os mais novos”, dá ao discentes a dimensão de que também existem outros tipos de conhecimento, e que a universidade necessariamente precisa buscar a aproximar-se daqueles outros métodos, que muitas vezes são rechaçados por não seguirem o rigor científico.

Finalmente, a extensão, perna mais curta do tripé universitário, deve ser melhor pensada e executada, para que tenha seu importante papel reconhecido, valorizado e possa ter melhores condições de alcançar os objetivos que lhes são próprios. Não se pode mais enxergar a extensão como mecanismo de ação social das universidades, mas como importante instrumento de transformação social, quer pela oportunidade de fomentar o despertar para a academia, quer pela possibilidade de resultar em laboratório de experiências práticas pelos serviços ofertados à comunidade, ou ainda, como espaço para prospecção de novos objetos de pesquisa e, conseqüentemente, produção de novos conhecimentos que resultarão em objeto de ensino, que pode se dar, inclusive, pela transmissão oral do conhecimento.

Agradecimentos

Agradecimentos à Pró-reitoria de Extensão da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), pela Bolsa de Extensão para monitoria e pela oportunidade de desenvolver o Projeto de Extensão “Machado de Xangô Assessoria Jurídica aos Povos de Axé”.

Referências

BATISTA, M. X.; OLIVEIRA, O. M. Candomblé: memória e transmissão cultural de uma comunidade religiosa de matriz africana. *In: SEMINÁRIO NACIONAL DA PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS*, 1., 2011, Vitória. *Anais [...]* Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2011. p. 1-25. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/snpgcs/article/view/1477/1193>. Acesso em: 28 ago. 2023.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), nº 9394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996.



Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm Acesso em: 28 ago. 2023.

CAPUTO S. G. Aprendendo yorubá nas redes educativas dos terreiros: história, culturas africanas e enfrentamento da intolerância nas escolas. **Revista Brasileira de Educação**, v. 20, n. 62, p. 773-796, jul./set. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/C6ZT46YkW56G7vwP3HzGF4n/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 set. 2023.

CAPUTO, S. G.; PASSOS, M. Cultura e conhecimento em terreiros de candomblé: lendo e conversando com Mãe Beata de Yemonjá. **Revista Currículo sem Fronteiras**, v. 7, n. 2, p. 93-111, jul./dez. 2007. Disponível em: http://diversidade.pr5.ufrj.brimages/banco/textos/CAPUTO_e_PASSOS_-_Cultura_e_conhecimento_em_terreiros_de_Candombl%C3%A9.pdf. Acesso em: 28 set. 2023.

COMPARATO, F. K. **Ética: direito, moral e religião no mundo moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

COSTA, L. C. **Memória de ouvido: produção partilhada do Conhecimento na umbanda**. 95f. Dissertação (Mestrado em Humanidades, Direitos e outras Legitimidades) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8161/tde-20092022-174146/publico/2022_LuanaCorreaCosta_VCorr.pdf. Acesso em: 19 set. 2023.

DURHAN, E. R. **A autonomia universitária: o princípio constitucional e suas implicações**. São Paulo: Universidade de São Paulo; Núcleo de Pesquisas sobre Ensino Superior (NUPES) e Departamento de Antropologia – FFLCH, 1989. Disponível em: <https://sites.usp.br/nupps/wp-content/uploads/sites/762/2020/12/dt8909.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2023.

FERRAZ, A. V.; SOUZA, L. F. V.; OLIVEIRA, M. S. Educação e diversidade: o Candomblé na escola. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – CONEDU, 3., 2016, Campina Grande. **Anais** [...] Campina Grande: Realize Editora, 2016. p.1-12. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/20807>. Acesso em: 22 set. 2023.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOLDMAN, M. Formas do saber e modos do ser: observações sobre a multiplicidade e ontologia no Candomblé. **Religião e Sociedade**, v. 25, n. 2, p. 102-120, 2005.

JARDIM, E, D, R. **Candomblé: expressão da cultura e religiosidade do negro no Brasil**. Curitiba: Governo do Estado do Paraná; Secretaria da Educação; Cadernos PDE, 2016. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/por/tals/cadernospde/pde_busca/producoes_pde/2016/2016_artigo_hist_unespar-paranagua_edisonedonizettijardim.pdf. Acesso em: 13 set. 2023.



MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

PINHEIRO, L. B. M. Tradição oral e memória dos povos de religiões afro-brasileiras: possibilidades de pesquisa em história. **Cadernos do Tempo Presente**, v. 8, n. 4, p. 79–92, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/tempo/article/view/9892>. Acesso em: 11 set. 2023.

SANTOS, J. E. dos. **Os Nàgo e a morte: pàdê, Àsèsè e o culto Ègun na Bahia**. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

SANTOS, J. H.; ROCHA, B. F.; PASSAGLIO, K. T. Extensão universitária e formação no ensino superior. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, v. 7, n. 1, p. 3-28 maio 2016. Disponível em: <https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/RBEU/article/view/3087>. Acesso em: 27 ago. de 2023

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2017.

SILVA, I. A. S. *et. al.* **ABIAN – Rituais de Passagem para as ações afirmativas: educação para a igualdade racial**. Aracaju: Faculdade São Luís de França, 2016. Disponível em: <https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/ABIAN.pdf>. Acesso em: 20 set. 2023.

SILVA, I. P.; SANTOS, C. A. B. Práticas e vivências ecológicas presentes nas expressões religiosas dos Povos de Terreiro no Semiárido Nordestino. **Identidade!** São Leopoldo, v. 26, n. 1 e 2, p. 295-307, jan./dez. 2021. Disponível em: <http://revistas.est.edu.br/index.php/Identidade/article/view/1208/1030> Acesso em: 15 set 2023.

VILLANI, C. E. P.; NASCIMENTO, S. S. A argumentação e o ensino de ciências: uma atividade experimental no laboratório didático de física do ensino médio. **Investigações em Ensino de Ciências**, v. 8, n. 3, p. 187-209, 2003.

Recebido: 30.10.2023

Aceito: 05.12.2023

Publicado: 09.12.2023





This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

